

25/1/92

# Militares hospitalizados relatam o ataque da Renamo à região de Macaene

**Pelo menos cinco soldados do exército moçambicano perderam a vida e outros dez ficaram feridos, naquilo que parece ter sido um ataque com armas químicas pela Renamo, perto da fronteira com a África do Sul, no dia 16 de Janeiro.**

Um oficial do 3º Batalhão de Comandos, o alferes Joaquim Jonasse, falando na sua cama no Hospital Militar de Maputo, revelou à AIM que estes números constituem dados preliminares, "visto não ter sido possível apurar ainda na íntegra o impacto do incidente".

Acrescentou que o incidente deu-se durante combates com vista à consolidação da ocupação de uma base estratégica da Renamo, numa região montanhosa, por onde passa a fronteira entre Moçambique e a África do Sul.

Segundo aquele oficial, um projectil explodiu no ar, a cerca de 50 ou 75 metros do local onde se encontravam os soldados, libertando uma densa nuvem de fumo negro, que provocou imensas dores e irritação, ao mesmo tempo que dava uma sensação de muito calor.

Disse também que no dia do referido ataque, o seu grupo capturou um agente de reconhecimento da Renamo e detectou uma viatura de cor branca que provinha da África do Sul em direcção ao aldeamento da base.

"Essa viatura ficou oculta algures", disse Jonasse, para acrescentar que "passado algum tempo, uma avioneta não identificada, sobrevoou o local".

Disse que os elementos da Renamo simularam um ataque de curta duração, tendo-se seguido o lançamento, a partir de uma montanha daquela base, de um foguete que "veio a explodir a uns cinquenta ou 75 metros de altura do local onde nos encontrávamos".

De acordo com Jonasse, o referido projectil espalhou um fumo preto, que alterou "momentaneamente" a temperatura, aumentando o calor.

"Nesse momento sentimos uma sede aguda, outros perderam a consciência e alguns morreram no local, ... foi uma situação de pânico ... não nos conseguimos controlar um ao outro", disse Jonasse, em estado de extrema fraqueza.

Um outro ferido do mesmo batalhão, Alberto Alberto Jorge, disse ter visto a viatura que, segundo ele, "transportava elementos envergando um fardamento

vermelho, que supôs terem se juntado ao efectivo da Renamo.

Disse também que ouviu um ruído de uma avioneta. Todavia, a partir da altura em que se lançou o projectil, findo o ataque de simulação, perdeu a consciência e nada mais pôde constatar.

De acordo com aquele ferido, o fumo era preto e o gás cheirava a água do mar.

Os feridos salientaram terem-se deslocado pelos seus próprios meios até à Barragem de Corumana, cerca de 80 quilómetros do local do incidente, de onde foram posteriormente levados para o Hospital Central de Maputo.

Alegaram ainda terem perdido uma quantidade não estimada de armamento militar, na sequência do sinistro que os colheu de surpresa.

Os dez doentes que se encontram no Hospital Militar de Maputo fizeram relatos idênticos, queixando-se de dores de peito, nas articulações e na vista, e alguns vomitaram sangue.

Uma equipa de médicos sul-africanos esteve, quarta-feira, em Maputo, tendo já recolhido análises com vista ao apuramento das causas que originaram o incidente, bem como a natureza dos projecteis e a sua origem. Uma outra equipa de médicos moçambicanos e de terceiros países encontra-se também a conduzir investigações com vista a determinar o conteúdo e origem dos projecteis. (AIM)